

## **4**

### **O processo de mudança do Colégio Stella Maris**

O Colégio Stella Maris está localizado na entrada da favela do Vidigal. Fundado em 1935, pela Congregação Filhas de Jesus, foi batizado como Colégio das Filhas de Jesus. Em 1942, a congregação muda o nome da escola para Colégio Stella Maris. Em 1973, a escola muda de nome novamente para Instituto Educacional Stella Maris, permanecendo assim até 2001.

Nosso interesse em estudar essa escola surgiu a partir da mudança por que a instituição vem passando nos últimos anos. A escola, que sempre atendeu às classes média e alta, passou a atender prioritariamente à população do Vidigal. Este capítulo está dividido em seis partes. Num primeiro momento, apresentaremos a Congregação Filhas de Jesus e sua missão, responsável pela instituição educativa objeto de nossa pesquisa. Na segunda parte, fizemos uma descrição física da escola com o auxílio de fotografias para ilustrar e demonstrar, além do maravilhoso espaço físico da escola, o estado excelente em que ela se encontra. Após esta descrição, analisaremos a estrutura organizacional. Na quarta seção tratamos mais explicitadamente do processo de mudança de clientela: os fatores que levaram à transformação e as representações dos diversos agentes sociais. A quinta parte focaliza as famílias (antigas e novas) em relação à mudança. Na sexta e última parte, apresentamos as implicações da mudança na dinâmica financeira da escola.

#### **4.1**

##### **A Congregação Filhas de Jesus e sua missão**

Neste item apresentaremos uma sintética reconstrução da história da Congregação Filhas de Jesus, resgatando alguns elementos significativos da história da congregação e as mudanças por que mais recentemente vem passando.

Juana Josefa Cipíttria y Barriola nasceu em 1845 em Andoin, na Espanha, filha mais velha de uma família numerosa. Deixou sua cidade ainda jovem para trabalhar em Castilla como empregada doméstica. Desde essa época, sua espiritualidade e sua devoção pelos pobres já eram visíveis. Ainda doméstica, Juana distribuía comida aos mendigos na porta da casa de seus patrões, que não gostavam nada desse seu comportamento. Quando eles reclamaram com ela, respondeu com uma frase que mais tarde se tornou famosa dentro da congregação: *“Onde não há lugar para os pobres, também não há lugar para mim”*.

Em 1869, Juana conhece o padre jesuíta Miguel José Herranz, que a convida para fundar uma obra de educação cristã para a mulher. Ela - que na época era semi-analfabeta e não dominava completamente o castelhano, pois sua língua materna era o euskera, língua oficial da região basca - passou então a dedicar algumas horas de seus dias para estudar.

Em dezembro de 1871, em Salamanca, na Espanha, Juana Josefa Cipíttria y Barrioca, junto com cinco mulheres, fundaram a Congregação Filhas de Jesus. Após a criação da congregação, Juana toma o nome de Madre Cândida Maria de Jesus. As Filhas de Jesus surgem com a missão da educação cristã da infância e da juventude de todas as classes sociais. No ano seguinte, a congregação já contava com dezesseis irmãs.

Em 1874, inauguraram a primeira escola e nos anos seguintes outras escolas foram abertas por toda a Espanha. Uma tarefa ousada, pois, segundo a própria Madre Cândida,

“numa época em que mulher não pisava nas universidades, já pensava na necessidade de que as religiosas adquirissem títulos superiores para nossas escolas. E assim o fiz, quando nossa congregação se consolidou um pouco mais (...). Segundo os dados estatísticos da época, mais de sessenta por cento das mulheres (na Espanha) eram analfabetas. E nisso eu não poupei esforços

para que minhas religiosas se preparassem e pudessem assim abrir colégios onde a juventude se instrísse e se educasse.”<sup>1</sup>

Madre Cândida possuía o sonho missionário de espalhar pelo mundo a congregação. Em 1910, ela recebeu uma carta de um padre brasileiro solicitando a instalação de um colégio na cidade de Pirenópolis, Goiás. Nesse momento a congregação contava com 143 religiosas, e todas se ofereceram para vir em missão ao Brasil.

Após uma viagem de 40 dias, em 7 de novembro de 1911, um grupo de seis irmãs chega a Pirenópolis e são recebidas com festa pelas autoridades locais. No mesmo dia em que chegaram, receberam uma escola municipal para administrar. Um mês depois é inaugurada como “Colégio Maria Imaculada de Pirenópolis”. No ano seguinte chegou um segundo grupo de irmãs e se encaminhou para Mogi Mirim, em São Paulo, com o objetivo de educar moças da classe trabalhadora.

Em agosto de 1912, morreu Madre Cândida, deixando uma obra que se espalhava por 15 países, sendo sete na América Latina. A Igreja, em reconhecimento ao seu trabalho, beatificou Madre Cândida em maio de 1996.

Hoje, no Brasil, as Filhas de Jesus atuam tanto na educação e formação religiosa de crianças e jovens quanto em obras sociais. Possuem oito escolas, nas cidades de Mogi Mirim, Bragança Paulista, Campinas, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Leopoldina e Montes Claros. Além das escolas, existem seis comunidades com religiosas inseridas em meios populares na Bahia, Minas Gerais, Piauí e São Paulo. As casas de formação estão situadas no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. Também em Belo Horizonte está localizada a Casa Provincial e a Casa Santíssima Trindade para encontros e eventos formativos, além da Casa Nossa Senhora de Nazaré, dirigida às irmãs idosas e enfermas.

Cavalcanti (2003), analisando a trajetória das Filhas de Jesus no contexto da história da Igreja no Brasil, nos auxilia a entender tanto a vinda da congregação religiosa ao Brasil quanto a mudança de perspectiva.

---

<sup>1</sup> Teresa Cavalcanti (2003: 25) *apud* “Textos originais de Madre Cândida”, traduzidos e adaptados para o português por Maria Helena Lopes de Oliveira. Belo Horizonte, sem data, publicação da congregação, Pág. 58.

A autora com o auxílio de Riolando Azzi (1983), divide a história da Igreja no Brasil em quatro períodos: Período Colonial – Igreja da cristandade (1500-1759); Período da crise da cristandade (1759-1840); Período da “romanização” da Igreja (1840-1962); e Período de renovação pastoral (1962 em diante).

A Igreja da cristandade *“significa aquela que pretende cobrir todo o espaço com a religião católica, não deixando liberdade para outras expressões culturais e religiosas”* (Cavalcanti, 2003:28). Nesta etapa, a Igreja no Brasil ocupou papel de destaque junto ao Estado na promoção da normatização da população, que deveria ser católica e súdita do rei de Portugal.

Esse modelo entrou em crise nos séculos XVIII e XIX. Sob a influência das idéias liberais vindas dos Estados Unidos e da França, surgiu um clero liberal que se situou contra o projeto colonial e enfrentou seus defensores.

O período denominado “romanização” da Igreja no Brasil é marcado pelo espírito antiliberal e, conseqüentemente, pela mobilização de Roma *“para tornar nosso catolicismo menos leigo, popular, familiar, devocional e mais clerical, sacramental e doutrinário na linha do Concílio de Trento”* (Cavalcanti, 2003:29). Para tal, o episcopado começou a chamar e pedir colaboração de ordens e congregações européias para que viessem ao Brasil para atuar em escolas, hospitais, obras assistenciais etc. Segundo Beozzo (1983), entre 1840 e 1930 são 93 novas congregações femininas e em torno de 35 masculinas que chegam ao nosso país. No mesmo ano em que as primeiras Filhas de Jesus vieram, 1911, outras oito congregações também vieram para o Brasil, com o objetivo principal da educação, marcadamente católica, fazendo frente ao ensino leigo.

Em 1962, o Concílio Vaticano II lançou um novo modelo para a Igreja, definindo-a não mais como sociedade sacral hierárquica e sim como “povo de Deus”, promovendo a abertura para uma nova perspectiva. Em 1968, foi realizada a II Conferência do Episcopado Latino-americano, em Medellín, na Colômbia. O documento final da conferência recomendava a defesa dos direitos humanos com ênfase nos excluídos e propondo a “opção pelos pobres”.

Segundo Beozzo (1983), as congregações femininas foram as primeiras a reestruturar suas atividades a partir da renovação pastoral. No entanto, as mudanças

dentro das Filhas de Jesus só iriam acontecer no final da década de 1980. As religiosas começaram a deslocar-se para as periferias urbana e rural, colocando em prática a “opção pelos pobres”.

Em 1989, a Congregação publicou um documento intitulado *Determinaciones*, no qual são afirmados: o compromisso pela justiça e pela paz; a inserção e inculturação; e a opção preferencial pelos pobres. No capítulo sobre a opção preferencial pelos pobres, o documento afirma:

“Isto significa viver, nos comportar e educar a partir deles, de seus valores e necessidade, e em favor deles; e comprometendo-nos em denunciar a pobreza e as causas que a geram; ajudar aos que educamos para que também se comprometam a lutar contra essa situação injusta” (Cavalcanti *apud* *Determinaciones*:46).

Essa passagem é interessante na medida em que demonstra a preocupação da congregação por conhecer a cultura desse novo público e “*educar a partir deles*”.

Como podemos observar, as mudanças ocorridas dentro da Congregação Filhas de Jesus estão inseridas dentro das transformações mais amplas da sociedade brasileira e da Igreja Católica.

A congregação atualmente está num processo de formar uma rede de todas as escolas das Filhas de Jesus. Essa rede já estava sendo pensada de forma administrativa, mas agora segue num processo de formar uma mentalidade de rede pedagógica. Existe uma equipe com representantes de cada escola que se reúne mensalmente. Em 2006, o EPAD (Equipe Provincial de Assessoria às Escolas das Filhas de Jesus), nome dado à equipe, organizou dois grandes eventos, um em Belo Horizonte (em abril) e outro em Brangança Paulista (em setembro). O primeiro reuniu todos os professores das escolas da congregação do Brasil, 440 professores/as; o segundo, representantes dos segmentos das escolas. Os encontros foram uma tentativa de fazer uma proposta educativa, de pensar os projetos de trabalho. Na busca para que a rede possa trabalhar de maneira uniforme, levando em conta as especificidades de cada escola. Os encontros contam com algumas palestras com professores de fora e diversas oficinas oferecidas para os professores das escolas, tratando de temas como mudança do professor; projetos de trabalho; dinâmica de sala de aula.

## 4.2

### Descrição física da escola

Figura 4: Vista da escola a partir de satélite (Fonte: Google Earth)

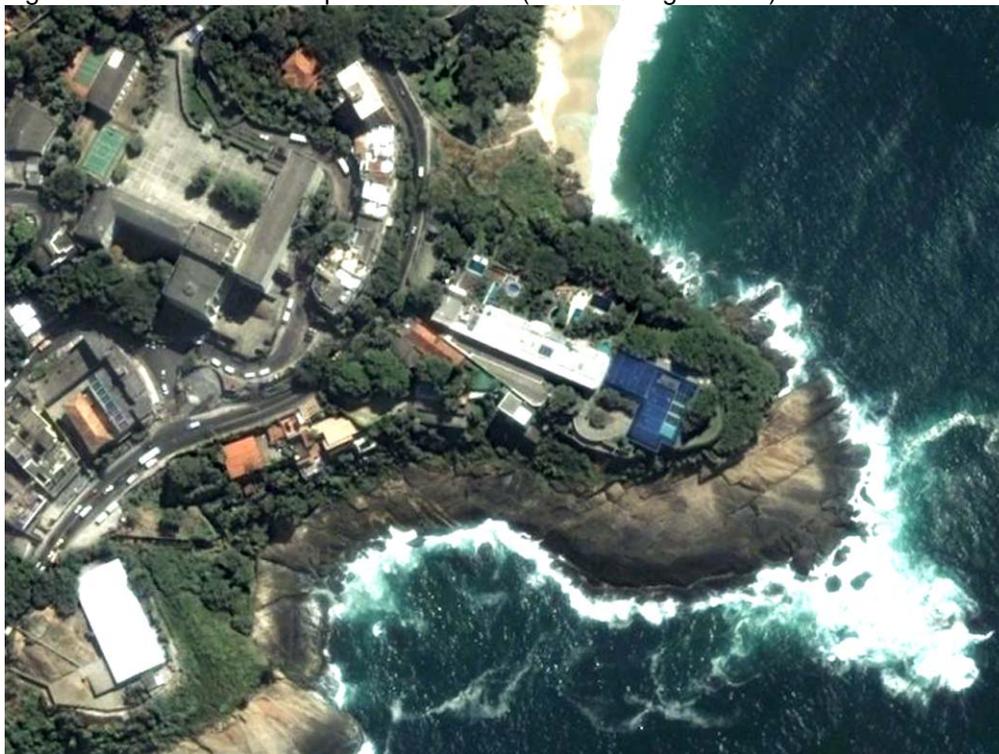


Figura 5: Prédio da escola visto da rua.

Com construção arquitetônica moderna, a escola se destaca por seu tamanho e localização nobre, de frente para o mar. Ocupando grande terreno, estão os dois prédios da escola, dois pátios e um prédio menor de três andares, além de dois estacionamentos.



Figura 6: Vista da escola a partir de satélite (Fonte: Google Earth).

Os dois prédios, retangulares, são ligados entre si, formando um L. Na parte menor desse L estão as salas de aula do Ensino Fundamental. Estas salas são de frente para o mar, com varandas na parte interna e externa, que funcionam também como corredores. A varanda interna está voltada para o enorme pátio principal e a externa de frente, para o mar.



Figura 7: A escola vista de dentro.

Entre as duas varandas estão as salas de aula. Amplas e arejadas, todas têm duas portas para a varanda interna. Entre essas duas portas, estão localizados grandes armários de madeira, para guardar o material dos/as alunos/as, ocupando toda a extensão da parede. Do outro lado da sala, existem portas em vidro e madeira que dão acesso a varanda de frente para o mar, como podemos observar na foto a seguir.



Figura 8: Varanda da escola.



Figura 9: Sala de aula.

O outro prédio, maior e de arquitetura diferenciada, não tem varandas. O andar térreo está voltado para o pátio. Ali funcionam: o laboratório de informática, equipado com 30 computadores; uma sala de leitura, o auditório e algumas salas de setores administrativos. Do outro lado do prédio, ainda no andar térreo, estão as salas do primeiro período – maternal. Em frente a estas três salas está o pátio da Educação Infantil, um pequeno pátio arborizado e com alguns brinquedos de madeira. No lado direito do pátio está uma casa de bonecas, muito bem cuidada e em grande escala. O chão é de cimento, mas possui três áreas de areia. No final do parquinho, subindo por uma escada, chegamos à capela da escola.



Figura 10: Pátio da Educação Infantil.

No primeiro andar se localiza a entrada principal da escola, acima do nível da rua. Lá fica o ginásio coberto, que ocupa grande parte do andar. No final desse andar, estão localizadas as salas do segundo período da Educação Infantil, assim como a coordenação desse segmento.



Figura 11: Ginásio coberto.

No segundo andar está localizada a sala da diretora e, um pouco depois, a sala dos/as professores/as. Um enorme corredor liga as duas partes deste andar, com uma enorme mesa de refeição e uma cozinha.

Ao final desse corredor chegamos à outra parte do prédio, onde se encontram três salas da educação infantil. São três salas por andar, elas são muito espaçosas, possuem grandes estantes e armários; a maioria delas têm um pequeno quarto anexo para guardar os materiais. Todas as salas da Educação Infantil são equipadas com um aparelho de som.

No terceiro andar do prédio estão as salas de coordenação geral, pedagógica, pastoral e outra sala de diretoria. Em frente a estas salas está a sala de audiovisual, equipada com uma televisão grande, um videocassete, um DVD e cerca de 50 cadeiras de plástico. Ela tem tamanho equivalente a de duas salas de aula. Na parte final do terceiro andar estão localizadas mais três salas do CA.

A única maneira de subir ao quarto andar é por uma pequena escada no final do prédio. Lá existem quatro salas amplas. A maioria permaneceu fechada nas vezes

em que estivemos na escola. Numa dessas salas são ministradas as aulas de religião e TOC – Tempo de Orientação Cristã<sup>1</sup>.

O enorme pátio da escola está de frente para os dois prédios. Muito arborizado, possui grandes bancos de cimento em volta de cinco antigas árvores. Ao longo do pátio estão pintadas faixas no chão, formando pistas de corrida. No final do pátio, ao lado do grande portão por onde os/as alunos/as todos os dias entram na escola, está localizado um pequeno prédio de três andares, residência das irmãs. Ao lado deste prédio, um pouco acima do pátio, existe uma quadra poliesportiva.



Figura 12: Pátio principal.

---

<sup>1</sup> Uma vez por mês todas as turmas (da Educação Infantil ao Ensino Fundamental) participam do TOC, com o objetivo de fazer uma integração entre fé, cultura e vida, a partir de histórias, filmes, dinâmicas, músicas, dramatizações. Segundo a própria escola, este é um momento significativo de diálogo, oração, acolhida, reflexão, convivência, partilha, evangelização e anúncio da vida. Tive a oportunidade de participar uma vez do TOC, com a segunda série. Após passar dois filmes sobre a vida de São Francisco, a coordenadora da pastoral, responsável pelo TOC, perguntou aos alunos o que eles haviam compreendido dos filmes e fez um paralelo com a vida dos/as alunos/as, ressaltando valores como amor e a solidariedade, condenando o preconceito e o crime.

Dayrell (1996), que concebe a escola como um espaço sociocultural, chama a atenção para o fato de a arquitetura de uma escola não ser neutra e analisa a arquitetura de um prédio escolar, observando:

“A arquitetura e a ocupação do espaço físico não são neutras. Desde a forma de construção até a localização dos espaços, tudo é delimitado formalmente, segundo princípios racionais, que expressam uma expectativa de comportamento de seus usuários. Nesse sentido, a arquitetura escolar interfere na forma de circulação das pessoas, na definição das funções de cada local. Salas, corredores, cantina, pátio, sala dos professores, cada um desses locais tem uma função definida *a priori*. O espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa” (p. 147).

Para o autor, um dos primeiros aspectos a chamar a atenção é o muro da escola, que significa o “*seu isolamento com o exterior*”. Pois os muros demarcam claramente a passagem do mundo da rua para o mundo da escola. “*A escola tenta se fechar em seu próprio mundo, com suas regras, ritmos e tempos*” (DAYRELL, 1996:147).

O tamanho da escola é algo que chama muito a atenção, principalmente se compararmos com as casas dos/as alunos/as, que em sua maioria são muito pequenas. Uma das características das favelas em morros é o “aperto”; as casas, normalmente pequenas, com dois cômodos, são geminadas umas nas outras, e as ruas são muito estreitas também. Nesses lugares, as crianças acostumam-se a viver em espaços muito limitados. A foto a seguir mostra a “casa de boneca” da escola. Ela é maior ou do mesmo tamanho que muitas casas dos/as alunos/as.

Figura 13: Casa de boneca



### 4.3

#### Estrutura organizacional

A escola funciona em regime regular anual, em dois turnos: manhã (das 7:00 às 12:00 horas) e tarde (das 13:00 às 17:00 horas). Mantém a Educação Infantil, com primeiro, segundo e terceiro períodos, e o Ensino Fundamental.

O calendário escolar é dividido semestralmente; o primeiro semestre vai de fevereiro até o início de julho. O segundo vai de agosto até o início de dezembro. Ao final de cada bimestre, os/as professores/as e a coordenação realizam o conselho de classe de cada uma das turmas. Os docentes se reúnem com a orientadora pedagógica uma vez ao mês, normalmente às sextas-feiras. Nas últimas reuniões do ano de 2006, discutiram e refletiram sobre a mudança do livro didático. Tradicionalmente, em junho, faz-se a festa junina. Em outubro é realizada a olimpíada da escola.

A escola tem 1.020 alunos/as matriculados, com média de 25 por turma. Conta com duas diretoras: uma leiga e uma irmã, representante legal da congregação, que está no cargo desde 2005. A escola tem seis coordenadoras: duas da Educação Infantil e primeira série (uma leiga e uma da congregação); duas de segunda a oitava séries (uma leiga e uma da congregação); uma da pastoral; e uma coordenadora pedagógica.

A escola tem ainda em sua equipe uma orientadora pedagógica e duas psicopedagogas; uma assistente social<sup>2</sup> e seis auxiliares de classe. No corpo docente, são 21 professores/as na Educação Infantil e 40 professores/as no Ensino Fundamental. A escola tem ainda três pessoas na equipe de informática e 37 funcionários de caráter administrativo.

---

<sup>2</sup> A assistente social conta com uma estagiária estudante da PUC-Rio.

## 4.4

### O processo de mudança

*A nossa missão é contribuir para o desenvolvimento social do Brasil, através de uma educação popular, séria e de qualidade, abrangendo a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.<sup>3</sup>*

Como já foi apresentado, a mudança de perspectiva da congregação, privilegiando a opção pelos pobres, já vinha sendo colocada em prática desde o final da década de 1980. Porém alguns fatores de natureza prática favoreceram a mudança. Segundo as coordenadoras Sonia e Laura<sup>4</sup>, em 1999 a escola começou a receber “timidamente” algumas crianças e adolescentes do Vidigal. Nessa parte do capítulo, além das entrevistas realizadas por nós, faremos uso de algumas entrevistas feitas por Teresa Cavalcanti em 2003<sup>5</sup>.

O Colégio Stella Maris, antes de decidir atender preferencialmente aos alunos do Vidigal, já participava da dinâmica da favela de diferentes maneiras. Anteriormente à mudança, a maior relação da escola com a localidade<sup>6</sup> se fazia através dos/as funcionários/as, aos quais a escola prestava assistência e com os quais mantinha laços de afeto. Outra forma de presença e atuação da escola no Vidigal tem sido a catequese, a formação de grupos de oração, encontros de casais, enfim a assistência propriamente religiosa. Como já foi mencionado, na ocasião das lutas contra as remoções o Stella Maris ofereceu espaço para reuniões. Também nos momentos de chuvas e desabamentos a escola abriu seu espaço para os desabrigados. Os espaços da escola estão sempre abertos para cursos, festas, treinamentos e competições esportivas da comunidade. A escola também manteve relações de apoio

---

<sup>3</sup> Retirado do site da escola: [www.stellamaris-rj.com.br](http://www.stellamaris-rj.com.br) acessado em 26/06/2006.

<sup>4</sup> Os nomes aqui usados são fictícios.

<sup>5</sup> Monografia apresentada ao departamento de psicologia da PUC-Rio intitulada: *Desejo e poder o processo de mudança de clientela de uma escola: da classe média/alta para a classe popular.*

<sup>6</sup> Usaremos o termo localidade, inspirada pelas reflexões de Marcos Alvito (2000). Para este autor, a favela é uma localidade, pois “é um agregado de casas e pessoas que mantêm entre si uma rede complexa de relações e vínculos de caráter pessoal, face a face, como laços de parentesco, amizade, ‘parentela ritual’, vizinhança, grupos informais e pequenas organizações. Esta imensa rede de relações e de reciprocidade é facilitada pela concentração populacional (ALVITO, 2000:148).

e colaboração com a Associação de Moradores do Vidigal; porém, nos últimos anos, esta foi literalmente tomada pelo tráfico de drogas.

Ficou claro em diferentes entrevistas realizadas com coordenadoras, diretoras, professoras e a assistente social, que a escola desde o início da década de 90 vinha sofrendo dois graves problemas: a diminuição do número de alunos/as e a grande inadimplência. A assistente social Maria relata: “*nós tínhamos uma inadimplência muito grande*”<sup>7</sup>. Laura, coordenadora da Educação Infantil, revela que “*a quantidade de turmas foi diminuindo*”. Algumas explicações e especulações foram dadas para a diminuição do número de alunos/as. A assistente social Maria levantou dois fatores:

“A Av. Niemeyer é um problema sério para as famílias que moram na zona sul ou na Barra, porque ela tem horários de mão alterados e isso complica muito, inviabiliza realmente o horário regular da escola. Outro fator que eu acho que nos fez perder muitos alunos é a proximidade com o Vidigal: no Rio de Janeiro, tudo que se refere a favela traz um pouco de medo para as famílias porque as pessoas associam violência com esses lugares”<sup>8</sup>.

Laura afirma que “*Uma coisa que a cada ano a gente foi percebendo é que o número de turmas foi ficando menor, a procura foi diminuindo (...). A própria questão do crescimento da Barra, tínhamos muitos alunos da Barra que migraram para colégios de lá.*”

Com as turmas ficando cada vez menores e poucos alunos efetivamente pagantes, a escola fez a opção de começar a abrir algumas vagas para a população do Vidigal. A diretora que participou de todo o processo de mudança, e que deixou a escola no ano passado, revela:

“Nós tínhamos uma inadimplência muito grande. Então tivemos que optar: ou fechar o Stella Maris ou ver o que fazer com essa inadimplência. Resolvemos então que seria melhor voltar para o Vidigal, porque, já que teríamos que pagar para que os alunos estudassem aqui com um prejuízo grande para nós, então era melhor que o fizéssemos aproveitando a oportunidade de seguir o critério da Igreja, de ajudar os pobres e de tornar nosso colégio o mais popular possível.” (Cavalcanti, apud entrevista com diretora em 2003).

---

<sup>7</sup> Cavantanti. Pág. 55.

<sup>8</sup> Idem. Entrevista com assistente social. Pág. 55.

Laura também afirma que: *“Quando chegou o momento em que a coisa ficou mais difícil em termos de quantidade de alunos, de falta de grana, nós até tínhamos alunos, mas alunos que se dizem, vamos dizer, de classe média, mas também não tinham dinheiro para pagar a escola”*.

Nesse momento a idéia era misturar os/as alunos/as, mas rapidamente viram que isso não seria possível. As famílias de classe média/alta demonstraram insatisfação com a “mistura” de seus/as filhos/as com as crianças moradoras do Vidigal. A diretora da época fala: *“Mas foi difícil. Porque eu tinha realmente tentado fazer essa mescla (...) mas a elite daqui não aceitava bem isso.”* Sonia também fez relatos na mesma linha: *“Então tentávamos conciliar isso, mas de alguma forma sabíamos que não seria possível, até porque estávamos vindo de antemão que as famílias não iriam achar que o colégio pudesse manter a qualidade trabalhando com classes menos favorecidas”*.

Alguns discursos revelam momentos de tensão, pois a congregação queria a mudança definitiva, enquanto as professoras e coordenadoras queriam que ela fosse feita gradualmente. Nas palavras de Sonia:

*“Fizemos um trabalho com a diretora da época para podermos opinar um pouco. Ela nos ouviu para saber o que achávamos que era melhor para a escola. Demos uma opinião muito importante, que gostaríamos da mudança, sim, mas que queríamos fazer lentamente esta mudança. Depois as irmãs optaram por fazer mais rápido. Então, no ano em que foi decidido [aceitar preferencialmente alunos do Vidigal, em 2000] a mudança aconteceu imediatamente.”*

Em 1999 a escola estava definindo o que fazer: fechar por inadimplência e falta de alunos/as ou tomar outro rumo. A congregação encomendou um estudo intitulado *“Estudo das características socioeconômicas e as aspirações dos moradores da comunidade Vidigal que freqüentam as atividades desenvolvidas pelo Colégio Stella Maris, Rio de Janeiro”*<sup>9</sup>, para conhecer melhor as características da população do Vidigal e levantar quais eram suas aspirações em relação à escola. A pesquisa revelou que a única coisa que eles queriam era que o Stella Maris oferecesse ensino

---

<sup>9</sup> Estudo encomendado pela Congregação Filhas da Jesus, datado de julho de 1999, assinado por: Maria Cristina Salomão Almeida, Neusa Maria Gonçalves da Rocha e Sueli Bulhões da Silva. As autoras consultaram moradores do Vidigal, documentos da Arquidiocese do Rio de Janeiro e documentos da Secretaria Municipal do Trabalho.

formal para suas crianças. Laura, hoje coordenadora da Educação Infantil, nos revela uma visão interessante:

“Eu sou suspeita para falar, pois sou nascida e criada no Vidigal. Então, esse colégio, para mim, que era da comunidade, era o sonho de consumo de que eu não podia fazer parte. Fazia parte dentro do catecismo... Desde que eu me entendo por gente, me lembro que o colégio sempre esteve aberto para as pessoas participarem. Mas não necessariamente na educação formal. As pessoas que estudavam aqui eram de outro poder aquisitivo”.

O *site*<sup>10</sup> da escola define assim a mudança:

“A partir da década de 80, algumas circunstâncias impuseram dificuldades ao colégio, pois seu único acesso, a Avenida Niemeyer, tem seu sentido alterado pela manhã e no final da tarde. Este fato, juntamente com o surgimento crescente de escolas na zona sul, forçaram muitos de nossos alunos a optarem pelas escolas mais próximas às suas residências. A congregação, que sempre atuou na Comunidade de Vidigal de uma forma mais reduzida, teve com esta mudança, uma oportunidade de repensar como servir de forma mais ampla ao Vidigal”.

Em 2000, a congregação decidiu transformar o Instituto Educacional Stella Maris em um “Centro Popular de Educação e Assistência Social Stella Maris”, voltado integralmente para a comunidade do Vidigal. Muitos depoimentos de coordenadoras e professoras relatam como foi esse momento dentro da escola.

Primeiro houve uma reunião com as coordenadoras e professoras para comunicar a decisão definitiva. Segundo Laura, que era professora na época,

“nós, professoras, fomos muito claras, perguntando por quanto tempo teriam dinheiro para nos manter com o salário que nós ganhávamos, um salário que era muito alto. Hoje em dia, não é um salário baixo, comparado com as outras escolas. Mas também não é o salário que nós ganhávamos antes... Elas foram muito honestas, pois deixaram a gente muito livre para procurar outro emprego... muitas pessoas ficaram e outras foram saindo ao longo do processo.”

A fala de todos afirma que este processo foi transparente e integrado; a congregação estava atenta ao que os profissionais da escola pensavam. As discordâncias foram trabalhadas, embora a decisão final tenha sido tomada pela congregação.

---

<sup>10</sup> [www.stellamaris-rj.com.br](http://www.stellamaris-rj.com.br) acessado em 25/01/2007

Após a reunião interna, a diretoria convocou uma grande reunião no auditório da escola com as famílias, para comunicar que a partir daquele momento iriam dar preferência às crianças e adolescentes do Vidigal. No final do ano, praticamente todas as famílias de classe média e alta tiraram seus/as filhos/as da escola. Sonia afirma: “*Os alunos de classe média foram saindo muito rápido, coisa que a gente não esperava*”. Laura confirma e acrescenta que as famílias, apesar de retirarem seus filhos, saíram de bem com a escola e que alguns ex-alunos fazem trabalho comunitário na escola. A entrada em massa dos novos alunos/as ocorreu em 2001, causando diversas mudanças dentro da escola.

## 4.5

### A participação das famílias

Diversos depoimentos demonstraram que comunicar a mudança às famílias “antigas” foi um dos momentos mais difíceis do processo. A diretora na época lembra:

“quando passamos a conversar com as famílias que estavam no colégio, para que elas soubessem que o colégio ia atender o Vidigal, de preferência atender ao Vidigal (...) Aí elas se sentiram muito magoadas porque não queriam a mistura, mas também não queriam tirar os alunos, porque quem estava no colégio gostava demais, eram filhos de ex-alunos, pessoas que tinham uma ligação muito grande conosco (...). Foi difícil para que eles compreendessem que nós tínhamos que tomar essa posição. Então, o momento mais difícil foi mostrar para as famílias, sem agressão nem de uma parte nem de outra. Porque a parte de cá às vezes agredia quando escutava algumas coisas nas reuniões. Porque nas reuniões também havia também pessoas do Vidigal.”

Outro elemento que surgiu nas entrevistas das três coordenadoras da escola foi o sofrimento causado pela mudança. Sonia relata:

“Eu me senti muito à vontade na mudança de trabalhar com as crianças, pois acredito piamente no trabalho que vem sendo feito. Mas a gente tinha saudades dos outros também, que eram nossos alunos de tantos anos, crianças que estavam aqui com a gente desde pequenininhos, a gente tinha toda uma história com eles também, então a gente sentiu isso. Mudaram as irmãs também, vieram outras. Parece que teve uma mudança muito grande, então

teve um momento de dor também, mas não se tratava de nós acharmos que não era isso que a gente queria, isso não passava pela cabeça da gente”.

Assim que a decisão foi comunicada às famílias, estas imediatamente começaram a tirar seus/as filhos/as da escola. No final de 2000, praticamente todas as famílias de classe média/alta tinham retirado seus filhos da escola. Ficaram pouquíssimas famílias e alguns filhos/as de funcionários. Em 2006, não existia mais nenhum aluno de classe média e alta.

Segundo a diretora da época e duas coordenadoras, a maioria das famílias achou que seus filhos só tinham a perder estudando com crianças de outra classe social. Mesmo quando era tímida a presença de alunos/as do Vidigal, as famílias já demonstravam sua insatisfação em misturar seus/as filhos/as com os/as moradores da favela.

Cavalcanti, entrevistando uma mãe que em 2002 ainda mantinha dois filhos na escola, relata o seguinte depoimento:

“No ano que vem, não sei se vou resistir às pressões. Meu filho já dormiu uma noite na casa de um amigo aqui embaixo, mas, de todo modo, é na favela. As pessoas ficam perguntando se eu não tenho medo de uma bala perdida (...). Também fico me perguntando o que o outro teria a acrescentar ao meu filho. Por exemplo, meu filho pode incentivar o coleguinha do Vidigal a ler, mas o que o outro teria a oferecer? Carinhos, amizade? E a convivência, o linguajar?”

O preconceito e os estereótipos ficam evidentes neste depoimento. Fala como se o único lugar violento da cidade fosse a favela, acreditando que a criança que mora na favela não tem nada a oferecer; pelo contrário, seria uma péssima influência. A idéia parece ser a de sempre: é papel da elite ensinar aos pobres e os pobres nada têm a contribuir. Além disso, dizer que “aqui embaixo, mas de todo modo favela”, mostra que existe uma representação de hierarquia dos próprios “favelados”<sup>11</sup>. Fica evidente o preconceito enraizado na mentalidade destas classes sociais, onde o diferente, especialmente os pobres e “favelados”, são vistos como inferiores, ruins e até como uma ameaça. A maior prova disto é que praticamente 100% das famílias retiraram seus filhos da escola.

---

<sup>11</sup> Na maioria das favelas do Rio de Janeiro, que são em morros, quanto mais para o alto, as casas vão ficando mais pobres.

Oliveira (2005), em sua dissertação de mestrado, *Diga-me com quem andas e eu direi quem és: A escolha da escola como estratégia de distinção*, apresentada ao programa da Pós-graduação da PUC-Rio, atesta que o estabelecimento e a preservação da rede de relações sociais, junto à transmissão da “herança escolar” e o capital informacional, são os fatores que orientam as condutas das famílias de classes média e alta no processo de escolha de um estabelecimento de ensino para seus/as filhos/as.

Skliar e Dutchanszky (2000) distinguem três formas pelas quais a diversidade tem sido enfrentada, caracterizando os imaginários sociais sobre a alteridade. As perspectivas assinaladas são as seguintes:

- “*o outro como fonte de todo mal*”: essa perspectiva marcou as relações sociais do século XX e pode tomar diferentes formas, desde a eliminação física do outro como a coação interna mediante a regulação de leis e costumes. Nessa visão, “nós” somos os bons, os civilizados, os cultos etc. enquanto os “outros” são maus, ignorantes, bárbaros etc. Na educação esta perspectiva se traduz de diversas formas: quando o fracasso escolar é atribuído às características sociais dos alunos; quando diferenciamos as escolas segundo a origem social dos/as alunos/as, a mistura acarretaria perda de qualidade; quando valorizamos exclusivamente o racional e deixamos de lado os aspectos emocionais nos processos de aprendizagem etc.

- “*o outro como sujeito pleno de um grupo cultural*” parte de uma concepção de cultura que representa uma comunidade homogênea de crenças e modos de vida. Na educação essa perspectiva pode se manifestar, por exemplo, por uma entrada folclórica das características culturais de um grupo específico no currículo.

- “*o outro como alguém a tolerar*”: admite a existência de diferenças, porém os que detêm a hegemonia se limitam a admitir algumas de suas manifestações, desde que não ameacem a ordem estabelecida.

Acreditamos que podemos enquadrar as famílias que retiraram seus filhos/as da escola na primeira posição: encarando “*o outro como fonte de todo mal*” na medida em que demonstraram acreditar que seus filhos/as só perderiam em estudar com os “favelados” e que estes não teriam nada a ensinar-lhes.

No que diz respeito às “novas” famílias que tiveram acesso à escola, como mostrou o estudo feito pela congregação no Vidigal, o que elas mais esperavam da escola era que esta desse uma educação formal para seus filhos/as. Porém, o primeiro momento, o de entrada do novo público, foi marcado por uma desconfiança muito grande por parte das famílias do Vidigal. A maioria delas estava apreensiva em relação a se seus filhos/as seriam tratados da mesma maneira pelos/as professores/as que antes trabalhavam com outra classe social. Diversas pessoas, as coordenadoras, diretora e professoras, expressaram esse sentimento. Sonia: *“Demorou um pouquinho, [para conquistar a confiança deles] eles desconfiavam da gente, eles falavam: um “colegião” desse para os nossos filhos?; alguns desconfiavam.”* Ir. Rosa, que chegou à escola para ajudar na mudança por já ter muita experiência de trabalho com classes populares e hoje é coordenadora da Educação Infantil junto com Laura, também se expressou nessa perspectiva: *“As famílias apostavam muito. Elas não conseguiam acreditar e ficavam perguntando: vai ser igual mesmo? Então vamos olhar”*.

Como veremos mais profundamente adiante, a escola como um todo e, principalmente, a Educação Infantil, passaram por uma significativa mudança metodológica, que vem sendo construída a cada ano. E as coordenadoras e professoras, preocupadas com a desconfiança das famílias, queriam mostrar passo a passo qual era a metodologia de alfabetização da escola, com muito cuidado e preocupadas para que as famílias não pensassem que as mudanças estavam sendo feitas só porque os/as alunos/as agora moravam na favela e eram pobres. Sonia, coordenadora pedagógica da Educação Infantil, descreveu assim esse momento: *“tentar mostrar para eles sem muita teoria como é que a gente ia fazer nossa prática. (...) Tivemos a idéia de filmar as crianças trabalhando e passamos para elas assistirem”*. Parece que o vídeo melhorou o ambiente, tanto para a escola quanto para as famílias, que diminuíram sua desconfiança e dúvidas em relação à escola. Três pessoas (Sonia, Laura e Ir. Rosa) relataram uma situação em que uma mãe, após uma reunião, falou para Sonia: *“vou te dar um voto de confiança”*. Mas parece que a conquista total da confiança das famílias se deu no ano seguinte, quando, segundo Sonia,

“eu pedi para as professoras fazerem uma aula com eles, então eles entenderam o processo. Quando o primeiro grupo entendeu, elas foram passando a confiança para as outras famílias e a gente não precisou mais fazer. Elas falam: bota lá que é bom. (...) Hoje estamos em um outro momento, já temos a confiança delas.”

Após um primeiro momento de estranhamento e, principalmente, após a verificação do terreno pelas novas famílias, parece que hoje a relação é boa. Veremos posteriormente de que maneira as famílias são incluídas dentro da nova metodologia. Todas as falas indicam que atualmente existe troca entre família e escola, e que essa parceria deve ser expandida.

Além disso, a escola desenvolve uma série de projetos sociais e cursos para as famílias participarem, como foi possível perceber numa das nossas visitas à escola:

Dia 09/08/2006

Estava saindo da sala dos professores, quando vi colado na porta o seguinte cartaz: “quarta-feira: série de palestras com grupo de pais inscritos. Temas: planejamento familiar; relações interpessoais; inteligência emocional e auto-estima; família e limites; drogas; violência doméstica; meio ambiente e reciclagem”.

Tivemos a oportunidade de perguntar informalmente para alguns pais e mães, na entrada e na saída da escola, o que eles achavam do colégio. Todos foram unânimes em responder que a escola era muita boa, que tratava muito bem os/as filhos/as deles e, conseqüentemente, estavam muito satisfeitos com ela.

Ir. Rosa completa: “*Fomos ganhando as famílias na medida em que eles foram percebendo que as crianças estavam felizes, estavam aprendendo. Aí eles foram se envolvendo também, foram confiando*”.

Segundo diversas pessoas, as famílias são muito presentes. Ir. Rosa afirma que “*qualquer movimento que tenha no colégio, elas vêm em massa: vem pai, mãe, avó, avô*”.

Essa desconfiança inicial das famílias “novas” nos parece absolutamente normal. Afinal, uma população que não é respeitada em praticamente nenhum de seus direitos, que é tratada tanto pelo Estado quanto pela população em geral como miserável, escória, subalterna etc. tinha que desconfiar quando uma escola da elite resolve abrir-se para suas crianças. Como atestamos nas entrevistas, com o tempo a

escola conquistou a confiança das famílias, na medida em que as famílias perceberam que seus filhos e filhas não eram tratados com menor atenção e respeito.



Figura 15: Alunos e alunas no recreio.

#### 4.6 Questão financeira

A congregação, devido aos fatos citados (evasão de alunos e grande inadimplência), já vinha arcando com o prejuízo da escola. Quando houve a mudança, ficou responsável por praticamente toda sua despesa. Ao mesmo tempo, procurou parcerias com o Estado e a Prefeitura sem obter resultado.

Hoje a escola conta com a parceria de seis empresas privadas, que, ou desenvolvem algum projeto na escola, como é o caso da C&A, que se responsabiliza pelas aulas extra-escolares como teatro e capoeira, ou dão outras formas de apoio em relação a projetos específicos. O Banco Itaú patrocina os passeios da escola. No ano de 2006 cada turma fez dois ou três passeios. A proposta é cada vez fazer mais, pois, segundo as coordenadoras, as crianças não têm a oportunidade de “sair” da favela, e as coordenadoras têm consciência de que as famílias não têm como pagar os

ingressos de entrada nos lugares. O banco se responsabiliza pelos gastos e a escola tem um microônibus próprio. Duas pessoas afirmaram que as crianças ficam muito em casa e que as famílias não têm costume de fazer passeios com as crianças, e a escola deve cumprir esse papel. Idas ao Zoológico, Jardim Botânico, Bosque da Barra, Casa de Cultura Julieta de Serpa foram alguns dos passeios realizados. Sonia, ressaltando a importância deles, revela: *“pois se queremos trabalhar com projetos, precisamos fazer passeios. Eles não estão acostumados a sair muito; embora eles vivam na Zona Sul, eles não têm esse costume.”*

As crianças e adolescentes estudam com bolsa, porém pagam uma quantia simbólica, de acordo com a renda familiar. A escola faz um estudo socioeconômico das famílias antes do ingresso dos/as alunos/as, e negocia com as famílias a quantia, que gira em torno de R\$ 50,00.

Segundo a assistente social, mesmo fazendo o planejamento com as famílias individualmente sobre formas de pagamento de acordo com os recursos, a inadimplência é grande. A questão financeira é um problema grave. A congregação realmente é responsável pelo custo de manutenção da escola, que conta com um número de professores/as e funcionários/as bastante grande. Obviamente existe preocupação com a sustentabilidade do projeto a longo prazo.

A escola busca de todas as maneiras auxiliar os/as alunos/as. Os livros didáticos, por exemplo, são todos comprados pela escola direto na editora, com grande desconto devido à quantidade, e depois “vende-os” aos alunos/as. Sonia deixou claro que não existe a possibilidade de nenhum/a aluno/a ficar sem o livro. Segundo ela, *“a escola faz algum arranjo”*. Algumas vezes a escola parcela o livro o ano inteiro em pequenas parcelas para a família e, quando a família não tem condição mesmo, procura ajuda de pessoas para pagar o livro. E revela ainda: *“eu já saí pela minha família arrecadando dinheiro para ajudar algumas famílias”*.

Na realidade, o projeto feito para transformar o Colégio Stella Maris em Centro Popular de Educação e Assistência Social Stella Maris previa muitas outras atividades, como cursos profissionalizantes, oficinas, escola para as famílias e Ensino Médio. Sonia afirma: *“gostaríamos de ter mais recursos, essa escola deste tamanho, com esse espaço, poderíamos funcionar no turno da noite e ter o ensino médio.”*

As professoras e coordenadoras que permaneceram na escola aceitaram que seu salário diminuísse. Segundo Laura, *“o salário aqui era muito bom, bem acima do mercado; hoje os salários não são tão altos, mas estão na média das outras escolas.”*

Conversamos com uma amiga de uma familiar, de classe média alta de aproximadamente 50 anos que estudou no Stella Maris; até hoje ela se reúne com algumas colegas e com a professora de francês da sua época, e nos revelou que a escola tem procurado antigos alunos propondo que fiquem responsáveis financeiramente por uma criança, isto é, assumindo as despesas educacionais de uma criança.

A escola, principalmente na pessoa da assistente social, está sempre na busca de parcerias para auxiliar a congregação a manter a escola.

Nas salas de aula as professoras se mostram sensíveis às limitações materiais das crianças. Observamos, por exemplo, uma situação marcante: uma professora pediu que os/as alunos/as pesquisassem em revistas para o dia seguinte algum animal brasileiro. Após explicar a tarefa, a professora perguntou aos alunos/as quem não tinha revista em casa, cinco alunos/as levantaram a mão e ela distribuiu exemplares a que estavam dentro dos armários.

Outro exemplo: segundo as professoras, a cobrança de material não pode ser a mesma, pois muitas vezes o aluno não leva para escola algum material por não ter como comprar. A escola é muito bem equipada, todas as salas têm muitos materiais nos armários, principalmente a Educação Infantil, que utiliza recursos como caneta pilot, lápis de cor, lápis cera, tinta etc. Todos esses materiais estão presentes em quantidade nas salas de aula.



Figura 16: Alunos/as no pátio.